

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**RAFAELA GOMES DOS SANTOS**

**QUEM ERAM AS BRUXAS QUE DANÇAVAM COM SATÃ:  
REFLEXÕES SOBRE A MULHER E A BRUXARIA  
NA BAIXA IDADE MÉDIA (SÉCS.XI-XV)**

**SÃO CRISTÓVÃO – SE  
OUTUBRO DE 2023**

RAFAELA GOMES DOS SANTOS

**QUEM ERAM AS BRUXAS QUE DANÇAVAM COM SATÃ:  
REFLEXÕES SOBRE A MULHER E A BRUXARIA  
NA BAIXA IDADE MÉDIA (SÉCS.XI-XV)**

Artigo Científico entregue ao Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe, como requisito obrigatório para a conclusão do curso em Licenciatura Plena em História.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Costa Prata.

SÃO CRISTÓVÃO – SE

OUTUBRO DE 2023

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus pela permissão para a elaboração deste artigo, que, em particular, é e sempre foi meu sonho, pois a temática é algo que mantém uma chama viva em meu coração. Também gostaria de agradecer ao universo pela ótima vibração, energia e inspiração que me enviou em resposta aos meus pedidos, o que me manteve sempre enérgica e empolgada a cada livro e artigo lido.

E não menos importante, minha família e meu esposo, pelo apoio, compreensão e paciência que todos tiveram comigo. Todos têm uma parte neste artigo, todos torceram e vibraram por mim, sempre me encorajando e não me permitindo desistir. A todos, o meu muito e sincero obrigado.

Por último, quero agradecer ao meu grande e maravilhoso Professor Rafael Prata por ter aceitado me orientar e abraçar o meu sonho de me aventurar num universo cheio de magia e conhecimento milenar. Obrigada por todos os conselhos e por toda dedicação investida em mim, obrigada por não desistir e sempre me empurrar na direção do meu sonho para que este artigo se realizasse. Além de professor, um ser humano empático e cheio de conhecimento que transmite aos seus alunos e amigos, o meu muitíssimo obrigado.

# QUEM ERAM AS BRUXAS QUE DANÇAVAM COM SATÃ: REFLEXÕES SOBRE A MULHER E A BRUXARIA NA BAIXA IDADE MÉDIA (SÉCS.XI-XV)

Rafaela Gomes dos Santos<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo visa trazer reflexões sobre a mulher e a bruxaria, voltando o olhar para todo o misticismo que envolve a temática e sua construção ao longo dos anos. A história da figura feminina como bruxa foi algo que foi construído e moldado ao longo dos anos, sendo implantado no imaginário humano já no finalzinho da Idade Média e tomando a forma como conhecemos hoje na Idade Moderna. O olhar através de vários autores nos traz as várias perspectivas e caminhos que essa temática pode nos levar, sempre nos trazendo novas perguntas e questionamentos sobre como a figura da “bruxa” foi associada à mulher e por que, por muitos anos, estas foram perseguidas e quais foram as alegações que foram usadas para convencer milhares de pessoas de que determinadas mulheres deveriam ser torturadas, assassinadas e queimadas vivas na fogueira. Assim, visio trazer algumas reflexões em torno da figura mítica da mulher bruxa, que por muito tempo foi perseguida pela sociedade da época.

Palavras-chave: Mulher, Bruxaria, Idade Média.

**ABSTRACT:** This article aims to bring reflections on women and witchcraft, looking at all the mysticism that surrounds the theme and its construction over the years. The history of the female figure as a witch was something that was constructed and shaped over the years, being implanted in the human imagination at the very end of the Middle Ages and taking the form we know today in the Modern Age. Looking through various authors brings us the various perspectives and paths that this theme can take us, always bringing us new questions and questions about how the figure of the “witch” was associated with women and why, for many years, they were persecuted and what allegations were used to convince thousands of people that certain women should be tortured, murdered and burned alive at the stake. Thus, I aim to bring some reflections around the mythical figure of the witch woman, who was persecuted for a long time by society at the time.

Keywords: Woman, Witchcraft, Middle Ages.

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Licenciatura em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS).  
E-mail: [rafaelagomees01@gmail.com](mailto:rafaelagomees01@gmail.com)

## **1. INTRODUÇÃO:**

Falar sobre a história da mulher é um desafio, pois por muito tempo o campo historiográfico foi dominado por homens que expressavam suas opiniões sobre temas e épocas específicas. Essa predominância masculina dificultou a compreensão do papel da mulher ao longo da história, tornando a abordagem atual dessas questões um desafio. No entanto, a partir da metade do século XX, a historiografia começou a abrir espaço e dar atenção aos estudos relacionados às mulheres em diferentes épocas.

Nesse contexto, é importante examinar a condição da mulher na Idade Média, mais especificamente entre os séculos XI e XV. Serão apresentadas reflexões sobre a representação e o papel da mulher nesse período histórico. É crucial compreender que a mulher era frequentemente associada a temas como casamento, religião e pecado durante esse período. No entanto, para termos conhecimento dos papéis que as mulheres medievais assumiram, precisamos ler entre as linhas e realizar uma ampla busca por fontes diversas.

Um dos grandes problemas enfrentados ao realizar pesquisas relacionadas às mulheres em determinadas épocas é a ausência de vozes femininas na historiografia. A perspectiva das mulheres na história é frequentemente negligenciada, predominando o viés masculino, estereótipos e influências patriarcais. Esses fatores tornam ainda mais desafiador o estudo e a compreensão da história das mulheres.

Assim, refletimos sobre questionamentos em torno dos seguintes pontos: qual papel a mulher assumia na sociedade medieval e ela era realmente submissa? As mulheres em algum momento assumiram o controle de suas vidas? A partir de qual posicionamento ocorreu a perseguição durante o período intitulado "Caça às bruxas" estabelecido pela Igreja?

### **1.1. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA:**

Não é difícil encontrar trabalhos sobre a Idade Média em seus diversos aspectos, desde a Alta até a Baixa Idade Média. Há uma vasta quantidade de obras, artigos e trabalhos acadêmicos relacionados a essa temática. No entanto, os trabalhos relevantes para este estudo são aqueles que se concentram na forma como as mulheres eram descritas. Portanto, é necessário trazer reflexões sobre as lacunas existentes em

relação à mulher na sociedade medieval, abordando seu papel e sua perseguição como bruxas.

No cativante trabalho de Georges Duby, intitulado "As Damas do Século XII", temos uma visão aprofundada do cotidiano das mulheres, tanto as nobres quanto as menos privilegiadas. Duby analisa como essas mulheres exerciam poder e influência em uma sociedade dominada pelos homens. O autor do artigo "Duby: uma perspectiva histórica sobre as mulheres medievais", Milton Carlos Costa, nos fornece uma visão de como eram as mulheres nesse século, vejamos:

As damas do século XII dominavam a escrita, mas quase tudo desapareceu do que elas escreveram. O que aparece do feminino é obra do olhar dos homens. Duby se situa como historiador das estruturas, porque o que a sociedade afirma e oculta permite alcançar as suas estruturas. (COSTA, 2012, p.48).

No artigo de Daniel Luciano Gevehr e Vera Lucia de Souza, intitulado "Mulheres e a Igreja na Idade Média: misoginia, demonização e caça às bruxas", é possível obter uma visão do papel das mulheres na sociedade medieval conforme percebido pela igreja, assim como as perseguições enfrentadas durante a caça às bruxas, com todas as implicações sociais e religiosas envolvidas. Através deste estudo, analisamos o papel atribuído às mulheres na sociedade, centrado na procriação, na gestão doméstica e na criação dos filhos, bem como sua associação à imagem do pecado e do diabo. Importante destacar que, embora o foco seja nas mulheres da Idade Média, o artigo também aborda homens considerados bruxos.

No artigo de Maria Filomena Dias Nascimento, intitulado "Ser mulher na Idade Medieval", a autora oferece uma perspectiva sobre a condição das mulheres na sociedade medieval dos séculos XII e XIII, especificamente nos reinos de Leão e Castela, na Espanha. Ela explora temas como o casamento, a religião e o papel atribuído às mulheres. A autora apresenta uma análise que desafia a ideia convencional de que as mulheres eram sempre submissas aos homens nessa época. Ela demonstra como as mulheres foram afetadas por normas sociais e religiosas, ao mesmo tempo em que buscavam maneiras de exercer influência e poder em suas próprias vidas, muitas vezes sem a intervenção masculina, o que gerava desconforto na igreja.

Evidentemente, outros trabalhos poderiam ser citados, porém, devido à vasta gama de estudos disponíveis, não podemos ignorar sua importância. No entanto, devido à limitação de espaço neste artigo, não é possível abordar todos eles.

## **1.2.JUSTIFICATIVA:**

Tendo como objetivo abordar a temática da mulher e a bruxaria na baixa Idade Média (séculos XI-XV), com o intuito de preencher possíveis lacunas existentes na historiografia e trazer reflexões sobre as mulheres nesse período histórico e seus papéis na sociedade medieval.

A importância de realizar este estudo baseia-se no fato de que a história da mulher foi negligenciada e sub-representada por muito tempo, especialmente durante a Idade Média. Esse período em grande parte foi escrito por homens, seja do clero ou da aristocracia, que expressavam visões distorcidas, misóginas e frequentemente machistas sobre as mulheres. Isso dificultou a compreensão e o conhecimento das experiências e contribuições das mulheres ao longo da Idade Média. Como a autora Maria Filomena Dias Nascimento fala em seu artigo, “Mais do que se preocupar em fazer História da Mulher, pensamos que seria mais produtivo e enriquecedor estudar o papel da mulher na História.” (NASCIMENTO, 1997, p. 84).

Ao pesquisarmos sobre a condição da mulher na baixa Idade Média, podemos compreender como elas eram representadas e subjugadas pela igreja e sociedade. Além disso, ao abordarmos os estudos sobre a bruxaria, torna-se relevante explorar esse contexto ligado à perseguição e à demonização das mulheres. A realização desse trabalho contribuirá para o avanço do campo da historiografia, trazendo novas perspectivas e interpretações sobre a história das mulheres durante a baixa Idade Média. Vale ressaltar que a temática da mulher e da bruxaria desperta interesse tanto no meio acadêmico quanto na sociedade em geral, tornando-a socialmente relevante.

Ao investigarmos o papel das mulheres e a perseguição sofrida durante o período da caça às bruxas, este trabalho contribuirá para uma compreensão mais ampla e contextualizada da história das mulheres, além de estimular debates sobre gênero, poder, misoginia e religião na sociedade medieval. A análise cuidadosa desses aspectos históricos permitirá uma reflexão crítica sobre a condição feminina na Idade Média e suas repercussões até os dias atuais.

O campo de pesquisa voltando a Idade Média é rica em autores que se dedicaram a estudar a história das mulheres, o que traz uma boa viabilidade a este trabalho, e não só isso como este trabalho também acaba sendo respaldado pela vasta quantidade de fontes bibliográficas, manuscritos, documentos e obras do próprio período medieval que abordam a condição das mulheres e a temática da bruxaria. Em relação a consulta desses materiais, se faz através de sites de revistas especializadas nos assuntos, sites de trabalhos acadêmicos e através de livros em formato digital e físico.

### 1.3.OBJETIVOS:

Geral:

- Analisar a mulher e suas condições na baixa idade média (séculos XI-XV), focando no papel das mulheres e suas representações nesse período, assim como as perseguições durante a “Caça às bruxas” realizada pela Igreja.
- Possibilitar reflexões sobre as mulheres medievais, seu papel na sociedade e sua relação com a bruxaria, tentando em vista a contribuição para um melhor entendimento da história das mulheres na sociedade medieval.

Específicos:

- Investigar o papel que as mulheres assumiram na sociedade medieval e a questão da submissão, levantando a possibilidade de momentos em que algumas mulheres assumiram o controle de suas vidas.
- Analisar a perseguição às mulheres durante o período conhecido como “Caça às bruxas” e compreender os fundamentos e motivações que geraram essa perseguição, estabelecendo relações com o contexto social, político e religioso da época.
- Gerar uma reflexão crítica sobre a condição da mulher na idade média e suas implicações históricas, sociais e culturais, buscando desafiar as narrativas dominantes e ampliar o conhecimento sobre a história das mulheres nesse período.

#### **1.4. QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO:**

Para a realização deste trabalho de pesquisa, pretendo utilizar o recorte da História Social e da História Cultural, aliado à metodologia de revisão bibliográfica. Essa abordagem visa compreender as relações sociais, culturais e simbólicas que permearam a sociedade medieval, incluindo a análise do papel das mulheres e a compreensão das práticas e crenças relacionadas à bruxaria nesse período.

A História Social é uma área de estudo que se concentra nas relações e estruturas sociais ao longo do tempo. Seu objetivo é compreender como as pessoas viviam, trabalhavam e se relacionavam, e como as estruturas sociais exerciam influência sobre suas vidas. Além disso, a História Social aborda questões como desigualdade, classes sociais, movimentos sociais, relações de poder e mudanças sociais, entre outros temas relacionados ao campo social. Por sua vez, a História Cultural se dedica a investigar as representações culturais de uma sociedade em um determinado período de tempo. Seu objetivo é compreender os símbolos, significados e práticas culturais que moldam a vida das pessoas. A História Cultural analisa crenças, valores, rituais, expressões culturais e também explora representações simbólicas e identidade cultural.

Dessa forma, essas duas abordagens históricas se complementam, permitindo uma análise mais abrangente e contextualizada da sociedade e da cultura em um determinado momento histórico. Ao aplicar tanto a História Social quanto a História Cultural ao estudo da mulher e da bruxaria na baixa Idade Média, é possível examinar não apenas as relações sociais e as estruturas de poder que envolviam as mulheres, mas também as representações culturais, símbolos, rituais e expressões simbólicas que influenciavam a sociedade medieval.

Assim, o diálogo entre áreas como Sociologia, Antropologia, Estudos da Religião e Estudos de Gênero se faz necessário, juntamente com a abordagem historiográfica dos fatos, possibilitando uma melhor visão do que este trabalho de pesquisa busca realizar.

### **1.5.HIPÓTESES:**

Considerando a predominância masculina na historiografia e a falta de representação feminina, é possível levantar a hipótese de que a história da mulher na baixa Idade Média foi negligenciada e sub-representada. Por meio da análise das fontes disponíveis, como obras historiográficas, livros e artigos acadêmicos, é esperado que surjam novas perspectivas e interpretações sobre a condição das mulheres e sua relação com a bruxaria nesse período.

A aplicação das abordagens da História Social e da História Cultural, em diálogo com as áreas da Sociologia, Antropologia, Estudos da Religião e Estudos de Gênero, permitirá uma compreensão mais abrangente e contextualizada da sociedade medieval, abordando não apenas as relações sociais e as estruturas de poder, mas também as representações culturais, símbolos, rituais e expressões simbólicas que influenciaram as mulheres e a perseguição relacionada à bruxaria. Sendo assim, questões como as citadas durante a introdução deste trabalho, buscamos desafiar as narrativas dominantes e ampliar nosso entendimento da história das mulheres na Idade Média. É essencial reconhecer a importância de incluir as vozes femininas, confrontar estereótipos e considerar as influências patriarcais para obter uma compreensão mais completa e precisa do papel e das experiências das mulheres medievais.

### **1.6.FONTES:**

Como fonte de pesquisa, utilizarei o livro *Malleus Maleficarum*, traduzido como *O Martelo das Feiticeiras*. Esse livro foi escrito por dois dominicanos, Heinrich Kramer e James Sprenger, que foram nomeados pelo Papa Inocêncio VIII como inquisidores para julgar feiticeiras na Alemanha. O *Malleus Maleficarum* foi utilizado como um manual de caça às bruxas por muitos anos e desempenhou um papel importante nos julgamentos das mulheres condenadas por bruxaria.

Essa fonte pode ser considerada como um testemunho histórico, pois registra as perseguições, os métodos utilizados pelos interrogadores e a visão que a Igreja passou a emitir sobre a mulher associada ao maligno, durante a caça às bruxas. Isso confere uma relevância significativa aos estudos realizados sobre o tema da bruxaria. Vejamos o que é dito na primeira parte do livro, na questão VI:

“Mas a razão natural está em que a mulher é mais carnal do que o homem, o que se evidencia pelas suas muitas abominações carnisais.

E convém observar que houve uma falha na formação da primeira mulher, por ter sido ela criada a partir de uma costela recurva, ou seja, uma costela do peito, cuja curvatura é, por assim dizer, contrária à retidão do homem. E como, em virtude dessa falha, a mulher é animal imperfeito, sempre decepciona e mente.” (KRAMER; SPRENGER, 2014, p. 115)

A partir dessa breve citação, já podemos ter uma noção do quanto essa fonte pode nos fornecer e auxiliar em nosso trabalho de pesquisa. Com base nessa valiosa fonte sobre o fenômeno da “Caça às Bruxas”, podemos realizar uma análise em conjunto com trabalhos historiográficos já existentes.

## **2. A MULHER NA IDADE MÉDIA:**

A visão do papel da mulher na sociedade em um período da história era um tanto limitada. Com o passar dos anos, surgiu a necessidade de preencher algumas lacunas e aprofundar-se na história da mulher, descobrindo o seu papel em diferentes períodos da sociedade. Através dessa demanda, pesquisas voltadas para o então conhecido período da Idade Média ganharam destaque, devido às lacunas existentes sobre as mulheres durante essa época.

O autor Milton Carlos Costa nos proporciona uma noção de como as mulheres eram vistas nesse período:

Uma grande obscuridade existe em torno do assunto. Essas damas não têm rosto nem corpo. A verdade dos seus corpos foi, para sempre, perdida. Delas temos apenas raros objetos e efígies. Se já é difícil ter ideia dos homens daquele tempo, em relação às mulheres podemos dizer que se trata de “sombras indecisas”, que não possuem nem relevo nem profundidade. (COSTA, p. 46, 2012)

Essa perspectiva predominava naquela época e, ao aprofundarmos nossa compreensão, percebemos que o que conhecemos atualmente sobre as mulheres desse período se baseia principalmente em materiais escritos, frequentemente produzidos pela igreja ou por figuras da aristocracia. Eles registravam aquilo que julgavam necessário ser documentado:

O papel da mulher no contexto da Idade Média pode ser compreendido e caracterizado de várias formas diferentes e, em grande parte, tais interpretações estão relacionadas à influência religiosa e aristocrática fortemente presentes naquele período. (PIRES, p. 129, 2016)

Os materiais da época, escritos a partir das perspectivas masculinas e seus estereótipos, têm a finalidade de buscar vestígios que revelem como eram de fato as mulheres e qual era o papel delas na sociedade. No entanto, esse processo nem sempre é simples, pois demanda uma análise minuciosa para ir além das entrelinhas, a fim de alcançar o cerne do que está sendo buscado. Interpretar o conteúdo escrito é essencial para extrair as informações da maneira mais precisa possível. No entanto, nem sempre há garantia de que essas informações sejam verdadeiras:

Duby procura mostrar reflexos. O importante é captar a imagem, não a verdade. Entretanto essa imagem é deformada. Os escritos sobre as mulheres foram redigidos por homens. O latim, língua desses escritos, registrava somente as falas importantes feitas em formas artificiais. (COSTA, p. 47, 2012)

É evidente que as mulheres desempenhavam um papel na sociedade, apesar da predominância da figura masculina. Elas possuíam conhecimento e, até certo ponto, poderíamos argumentar, influência. No entanto, não detinham completo controle sobre seus destinos. Elas eram portadoras de saberes próprios, embora isso não se aplicasse a todas as mulheres, mas sim àquelas situadas nos estratos mais altos da sociedade:

As damas do século XII dominavam a escrita, mas quase tudo desapareceu do que elas escreveram. O que aparece do feminino é obra do olhar dos homens. Duby se situa como historiador das estruturas, porque o que a sociedade afirma e oculta permite alcançar as suas estruturas.” (COSTA, p. 48, 2012)

Além disso, observe-se um desafio direto à influência da Igreja e ao poder exercido pelos homens quando mulheres da alta sociedade passaram a tomar suas próprias decisões sem uma intervenção masculina. Eles passaram a decidir sobre a administração de seus recursos financeiros, a gestão de suas propriedades e de suas próprias vidas. Esse comportamento não apenas desafiou a autoridade da Igreja, mas também perturbou os homens em geral. Eles viram com apreensão a direção que as coisas estavam tomando e sentiram a necessidade de adotar medidas para evitar que essa autonomia feminina se transformasse em algo significativo e escapasse de suas esferas de controle.

Trazendo um novo olhar para o que antes era apenas visto como “mulheres responsáveis pelo lar e seus filhos, submissas eternas da vontade dos homens”, tomando a rédea da sua vida, assim nos fala Maria Filomena Dias Nascimento, com o seu trabalho voltado para os séculos XII e XIII, especificamente para os reinos de

Castela e Leão (Espanha), quebrando o estereótipo de que toda mulher na idade média era submissa às vontades masculinas.

O trabalho de Maria Filomena nos coloca no meio de um cenário que por muitos é desconhecido; até então, apenas uma parcela da história das mulheres é contada como uma reza, repetidas vezes, e é aquela que deixa clara a falta de voz que elas tinham, mas aqui vemos uma realidade que por muitas poderia ser chamada de paralelamente.

Estes mosteiros foram fundados entre os séculos XII e XIII por mulheres da nobreza leonesa. Esta realidade reflete-se também na maior parte dos outros mosteiros de Castela e Leão, convertendo-se numa verdadeira moda aristocrática. (NASCIMENTO, p. 87, 1997)

Para reforçar o que citamos anteriormente, temos o artigo de Glória Maria D. L. Pratas. Eram retratadas apenas como pessoas que só participam nos bastidores de uma sociedade onde só existia espaço e valor para os homens, sem voz, silenciadas

“Nas obras de conteúdo histórico sobre a Era Medieval temos visto as mulheres apenas como meras coadjuvantes, com uma ínfima visibilidade, por entre páginas e mais páginas elaboradas sobre a participação e o governo dos homens, eliminando a pluralidade da história.” (PRATAS, p. 118, 2009)

Através de tudo o que vimos até aqui, temos a visão de que durante esse período, a imagem da mulher foi construída e montada através de duas vertentes. Tanto ela era a submissa como também poderia ser a atuante de sua própria história, vivenciando tudo aquilo que era apenas destino dos homens, “O papel da mulher no contexto da Idade Média pode ser compreendido e caracterizado de várias formas diferentes e, em grande parte, tais interpretações estão relacionadas à influência religiosa e aristocrática fortemente presentes naquele período.” (PIRES, p. 129, 2016).

Buscar investigar e reescrever a história das mulheres como ela realmente era, sem uma visão que foi imposta, é uma tarefa árdua que envolve vários pontos a serem analisados, desde o religioso até a cadeia hierárquica, “Entretanto, não bastava apenas que a delimitação dos papéis e espaços fosse instituída, mas também que a mulher ocupasse papel inferior ao homem e que a ele estivesse subordinada.” (PIRES, p. 130, 2016).

Este ponto podemos analisar na esfera da cadeia hierárquica. Já na esfera religiosa, podemos ver todos os pontos usados pela Igreja para sempre colocar a mulher em posição inferior e como o elo mais fraco entre Deus e o Homem, colocando

assim o homem em uma posição privilegiada e sempre sendo o provedor de tudo, além de estar como o protagonista principal em toda a vida ativa e pública perante a sociedade

Assim, as narrativas bíblicas ofereceram diversos argumentos para a construção da imagem da mulher enquanto ser fraco e problemático em muitos aspectos. Nesta ocasião, optamos por analisar o caso de Eva como justificador da pretensa inferioridade feminina e do perigo que a mulher representa se não tutelada. Essas tentativas de justificação vão desde à Criação até o episódio do pecado original. (PIRES, p. 132, 2016)

Aqui partimos para a esfera religiosa. Se a mulher é uma criação que veio a partir do homem, foi criada para ser sua companheira. Isso é imposto desde o momento em que ela deveria fazer suas vontades e servi-lo, tendo todo o seu livre arbítrio cancelado e colocado à disposição do homem. Durante a Idade Média, durante o conhecido período de Caça às Bruxas, já era citado como se ela viesse do erro, como se a partir dessa ideia ela precisasse ser dependente de uma figura que iria fornecer algo que ela não era apta a saber. Durante esse período, ao pesquisarmos sobre a figura feminina, o que nos é passado é uma afirmação do quão a mulher necessita de uma figura masculina para poder exercer todas as questões perante a sociedade, que não estariam ao seu alcance fazê-las:

As mulheres possuem também memória fraca; e nelas a indisciplina é um vício natural: limitam-se a seguir seus impulsos sem qualquer senso do que é devido; e sua instrução segue a medida da sua indisciplina, pois muito pouco lhes é dado guardar na memória. ((Kramer; Sprenger, p. 117, 2014)

Deixando mais claro ainda, para entendermos a figura e o papel que a mulher tinha durante o período medieval, temos que ir muito além do que nos é imposto, da mesma forma como era imposto às mulheres da época. Temos que ir além das entrelinhas, atravessar vales e montanhas para desvendar o misterioso mundo da mulher medieval e entender que ela era muito mais do que uma coadjuvante nessa sociedade dominada por homens, mantendo sempre a mente aberta para cada detalhe novo que surgir sobre elas.

### **3. A MULHER E A BRUXARIA NA IDADE MÉDIA:**

Ao longo dos anos, tivemos a concepção imposta pela Igreja de que a mulher era o elo mais fraco entre o homem e Deus. Durante a construção da imagem da mulher como bruxa, uma feiticeira, aquela que se relaciona diretamente com o demônio, vemos que a Igreja usou todos os seus recursos para validar o argumento de que a mulher era a porta aberta para o pecado, incluindo interpretações errôneas da Bíblia para tal.

Da perversidade das mulheres fala-se no Eclesiástico, 25: "Não há veneno pior que o das serpentes; não há cólera que vença a da mulher. É melhor viver com um leão e um dragão que morar com uma mulher maldosa." E entre o muito que, nessa passagem escriturística, se diz da malícia da mulher, há uma conclusão: "Toda a malícia é leve, comparada com a malícia de uma mulher. (KRAMER; SPRENGER, 2014, p. 113)

Assim, temos a devida noção de como toda a construção da imagem da mulher como "bruxa" se iniciou. Sob a ótica masculina, esse trabalho de construção não foi algo que surgiu da noite para o dia; foi algo elaborado que foi embutido aos poucos, inicialmente usando uma perspectiva negativa baseando-se no "pecado" cometido por Eva:

As mulheres na iconografia medieval eram representadas, segundo uma ótica masculina, como ela deveria ser. Os homens, profundamente influenciados pelos dogmas religiosos, elaboraram uma imagem feminina negativa, num estigma constante de pecado. O pecado de Eva estendia-se a todas as mulheres, caracterizadas como essencialmente más. (PRATAS, 2009, p. 121.)

Essa caracterização se deu através do medo que se criou em torno da mulher, medo esse que era espremido pelos homens e pela Igreja. "O poder patriarcal exercido sobre a feminilidade era reforçado, porque esta representava o perigo." (PRATAS, 2009, p. 121). Se o poder patriarcal exercido pelo homem e pelo clérigo era capaz de ditar como elas deveriam se comportar e de culpá-las pelo pecado "original", ele também era capaz de construir uma visão de negação em torno da mesma, fazendo-a ser o ponto de partida e totalmente responsável por todos os males que assolavam o homem naquele momento e em momentos posteriores.

Voltando os olhares para a Baixa Idade Média e o início da Idade Moderna, vemos como a história da mulher foi descrita através da ótica da bruxaria. Seriam elas bruxas conhecedoras dos poderes da natureza e técnicas pagãs milenares, não aceitas e compreendidas pela Igreja, além de vários outros aspectos que colocavam toda a masculinidade e o clérigo em pavor e medo de perder o controle patriarcal construído durante séculos. Dentro da crise de transição do feudo, do jogo político da igreja e todas as pestilências que assolavam a terra, o medo se instaurou e procurou um culpado, o ser mais frágil e mais fácil de ser culpado.

Por que esse silêncio prolongado sobre o papel do medo na história? Sem dúvida, devido a uma confusão mental amplamente difundida entre o medo e a covardia, coragem e temeridade. (DELUMEAU, 1989, p. 14)

Assim, começamos a nossa jornada através do sagrado e da heresia, cometida pelas mulheres que copulavam com o demônio e enfeitiçavam a cabeça do homem. Contamos com uma vasta quantidade de documentos que contam e, muitas vezes, de forma detalhada, a história das mulheres tidas como bruxas. Temos figuras como os inquisidores e o Papa (seja ele de épocas diferentes, mas pregando e condenando as mulheres à fogueira). No geral, a Igreja desempenha um papel central nisso.

Um dos manuais mais famosos foi o "Malleus Maleficarum", escrito por Heinrich Kramer e Jacobus Sprenger em 1486. Ele era tido como a bíblia dos inquisidores, sendo um livro complexo e repleto de misoginia e maldades a serem praticadas. Por muito tempo, ele foi utilizado durante os julgamentos das mulheres acusadas de bruxaria, juntamente com outros livros/manuais da época, como é o caso do "Directorium Inquisitorum" (1376), também chamado de Manual do Inquisidor, que é o livro mais importante de Nicholas Aymerich. Ao fazer uma análise através da perspectiva de outros historiadores e do próprio "Malleus Maleficarum", é possível reconhecer muitas informações que ele traz consigo e que dizem muito sobre a época e a visão.

Através de alguns olhares que foram analisados para a realização deste material, temos uma noção de que poderíamos dizer que tudo foi moldado em prol da conquista e do poder da Igreja. No trabalho de Ludmila Noeme Santos Portela, intitulado "Os pilares da fogueira": a construção do discurso cristão contra a bruxaria

na Idade Média (séc. XIV), vemos desde a construção da suposta bruxaria até a nítida jogada para impor a religião cristã e seu poder.

Os caminhos percorridos pela cristandade até a afirmação de seu poder e influência na Europa Ocidental, durante o medievo, criaram paulatinamente um sistema de representações<sup>2</sup> em que a atitude maniqueísta se empenhou em identificar os elementos exteriores à fé cristã como representantes de todo o mal. A bruxaria, em especial, passou a ser vista como uma grande conspiração demonolátrica que, muitas vezes, não encontra correspondência com a realidade da prática da magia, a não ser no imaginário daqueles que professavam a fé cristã com fervor. (PORTELA, 2017, p. 199)

É perceptível em diversos trabalhos e documentos que a criação da "bruxaria" era um choque entre aquilo que o cristianismo acreditava com o paganismo. Temos conosco um ditado que nos diz que "o desconhecido é temido"; creio que aqui poderíamos aplicá-lo. Como já foi relatado aqui, as mulheres tinham que seguir um certo tipo de padrão de comportamento imposto pelo homem, e tudo aquilo que fugisse disso era tido como errado. Por que mulheres independentes e com sabedoria não poderiam ocupar um espaço na sociedade? Paola Basso Menna B. Gomes Zordan responde a esse questionamento, "O que a figura da bruxa ensina é um certo modo de enxergar a mulher, principalmente quando esta expressa poder" (ZORDAN, 2005, p. 332).

Conhecido como "Caça às bruxas", o período em que a Igreja perseguiu, humilhou, torturou e queimou inúmeras mulheres, acusadas de praticar bruxaria, heresia e serem a própria agente de transmissão da proliferação do trabalho de Satanás. Aqui, temos duas imagens da mulher: a mais comumente usada pela Igreja, que a retrata como um ser fraco e, portanto, mais fácil de ser ludibriado e seduzido pelo próprio diabo; e a segunda, que só podemos enxergar por meio de muitas pesquisas e ao ler nas entrelinhas, a imagem de uma mulher detentora de conhecimentos, o que a tornava uma figura imponente, forte e inteligente.

Entre vários documentos da época é mais do que nítido como a Igreja faz questão de a todo momento deixar claro que a mulher era fraca, "Vamos deter-nos por ora, no problema das mulheres; e, em primeiro lugar, tentaremos explicar por que essa perfídia é mais encontrada nas pessoas do sexo frágil e não em homens." (KRAMER;

SPRENGER, 2014, p. 111), qualquer documento que possamos pesquisar vai conter a mesma informação sob óticas diferentes, mas que no fim trazem a mesma mensagem.

A pergunta que muitos se fazem é: quem eram essas mulheres? Eram elas curandeiras, parteiras, meras camponesas, mães, filhas e netas; eram mulheres, o sexo feminino tido como frágil pela Igreja. O simples fato de não fazerem parte da religião cristã as tornava bruxas, e por que não as temer? Foi assim que a Igreja tratou de fazer com que todos tivessem medo dessas mulheres, as quais representavam uma ameaça ao seu poder em ascensão.

Durante os séculos que perdurou a perseguição à mulher, os inquisidores, que foram responsáveis por julgar e determinar o destino das mulheres apontadas e presas como bruxas, utilizavam os chamados "manuais" da Inquisição. Neles continham todos os aspectos possíveis de uma bruxa, as práticas executadas por elas, seus poderes e como deveriam ser julgadas. E como se não bastasse a humilhação que já era ser arrancada do seio de sua família e apresentada à toda sociedade, nesses manuais ainda havia o passo a passo de como fazer essas mulheres confessarem seus crimes, a tortura em sua forma mais brutal e esdrúxula:

Os processos de bruxaria tinham um considerável enfoque nos corpos das bruxas: elas eram desnudadas à procura de um sinal que as pudesse recriminar. Procurando essa marca, “a marca da bruxa” e/ou a “marca do diabo”, seus pelos eram raspados e todo seu corpo examinado e perscrutado. Agulhas eram fincadas em sua carne a fim de se detectar um ponto diabólico insensível. A maior parte das confissões era obtida depois de muitas sessões nas quais eram lhes imputados flagelos. Em máquinas como “a donzela de ferro” e os “borzeguins”, ou nas torturas sobre a água, no aquecimento dos pés e na introdução de ferros sob as unhas,<sup>8</sup> a ré passava por tantos suplícios que acabava por admitir as sentenças elaboradas pelo inquisidor. (ZORDAN, 2005, p. 335)

E mesmo após toda a tortura e sua morte, elas não tinham paz. Como se não bastasse o que já havia acontecido, a imposição do poder e do medo ainda faziam com que atitudes esdrúxulas fossem tomadas:

Na maior parte das vezes as bruxas eram condenadas à morte, mas não bastava enterrá-las, pois se acreditava que tinham a capacidade de emergir de dentro das sepulturas. Tal qual uma vampira, a prostituta da Babilônia aparece como “ébria de sangue dos santos e dos mártires de Jesus” (Ap 17,6), aquela cujo transe orgiástico e cuja presença no festim dos sentidos ameaçavam a doutrinação transcendental da Igreja. (ZORDAN, 2005, p. 335)

Vale ressaltar que, assim como a religião cristã, a religião pagã também tinha suas datas comemorativas e seus rituais; esses, por sua vez, eram incompreendidos e tidos como rituais satânicos:

Algumas das mais importantes festividades adquiriram sinistra reputação e acabaram associadas, durante a caça às bruxas, às assembleias ou “sabás”. As bruxas contemporâneas, apoiando-se orgulhosamente nos próprios festejos antigos e em sua associação com as bruxas medievais e modernas, fizeram dessas antigas festas o alicerce de seus próprios e mais importantes “sabás”. (ALEXANDER; RUSSELL, 2019, p. 68-69)

Os conhecidos "sabás" ficaram notórios, mas de forma negativa, sendo muitas vezes descritos como festividades para encontros das mulheres com o demônio e para sacrifícios humanos, que, segundo os inquisidores propagavam, eram realizados com crianças. Rituais destinados ao acasalamento do demônio com as mulheres, levando-as a cometer adultério contra seus maridos.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Através de todos os artigos, livros e documentos voltados para a mulher e a bruxaria, podemos analisar que, apesar da figura da bruxa ter começado a ser implantada no imaginário do homem no final da baixa idade média e se consolidado na idade moderna, a mesma teve sua história vista e revista através dos séculos, trazendo novos olhares e mudando até suas formas, assim podemos dizer. É notável o conhecimento que obtivemos ao percorrer tantas visões diferentes. Podemos ver diversas vertentes que assumiram suas formas ao saírem do simples imaginário. A construção da "bruxa" se tornou um trabalho talvez, digamos, minucioso e até autêntico. Quando digo "autêntico", quero me referir aos aspectos aos quais os homens que foram encarregados de criar as regras para tais mulheres fossem punidas se agarraram para determinar suas punições.

As portas abertas durante a pesquisa para realização deste artigo nos mostram uma realidade que para muitos poderia ser considerada quase impossível. Tivemos o conhecimento de mulheres que se tornaram independentes e donas de suas próprias escolhas e opiniões sem a interferência de uma figura masculina. Eram mulheres com almas livres e impedidas de tomarem um lugar na sociedade, mulheres que tinham um vasto e amplo conhecimento medicinal que foi ensinado ao longo de anos, por várias

gerações, mantendo uma rede de conhecimento secular que por muito poderia ter se perdido. Eram mulheres que não tinham privilégios e, assim, tinham que se virar e ajudar a comunidade mais carente da forma como podiam.

Contrariando toda uma cadeia hereditária na sociedade, algumas mulheres se destacaram, seja por seus conhecimentos, seus dons artísticos e literários, ou por seus conhecimentos medicinais, ou até mesmo por seus pensamentos inapropriados para uma mulher. Através desse artigo, podemos nos permitir ver como a mulher, pintada como bruxa, era uma mulher forte e de pensamentos livres e cheios de avanços para sua época, coisas que assustavam os homens, que os ofuscavam e os colocavam medo.

Com todo o longo caminho percorrido até aqui, vemos que a sociedade criou um medo das bruxas por ter medo do conhecimento, medo do desconhecido, tudo que não era prático ou vindo da Igreja não tinha a permissão de Deus. Então, muito do conhecimento de algumas mulheres, que por algumas vezes eram pagãs, era considerado um pecado, um ato de comunhão com o próprio demônio em troca de saberes que Deus não aprovava.

Assim, temos vários caminhos para podermos imaginar e refletir todo o misticismo em torno da mulher no final da idade média e no início da idade moderna, e os motivos pelos quais elas foram perseguidas. Através dos anos, uma pergunta sempre nos paira sob o ar: o conhecimento de uma mulher e suas opiniões sólidas e firmes deveriam ser motivos para perseguição? Uma mulher que não aceitava ser padrão deveria confessar crimes aos quais lhes foram impostos só para satisfazer o imaginário do ser humano? Essas são algumas das reflexões que o artigo nos traz, para que assim possamos nos aprofundar numa pesquisa mais profunda em busca de traçar o longo e tortuoso caminho feito pelas bruxas.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AGOSTINHO DE HIPONA. **Confissões. Coleção Pensamento Humano.** Bragança Paulista: São Francisco, 2003.
- ALEXANDER, Brooks; RUSSELL, Jeffrey B. **História da bruxaria.** Tradução: Álvaro Cabral, William Lagos. 2ª Ed. São Paulo: Aleph, 2019.
- BLOCH, R. Howard, “**Misoginia medieval e a invenção do amor romântico**” **Ocidental.** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas.** São Paulo: UNESP, 1992.
- BURKE, PETER. O que é história cultural? Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 192 pp.
- CARVALHO, Maria Alice P. de. "Mulheres, bruxas e historiografia." **Revista Brasileira de História**, vol. 14, no. 28, 1994, pp. 167-176.
- COSTAS, Milton Carlos. DUBY: uma perspectiva histórica sobre as mulheres medievais. **Revista Territórios e Fronteiras**, v. 5, n. 1, p. 42-64, 2012.
- DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente: 1300–1800, uma cidade sitiada.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- DUBY, Georges. **Damas do século XII.** Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade.** Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- GEVEHR, Daniel Luciano; DE SOUZA, Vera Lucia. As mulheres e a Igreja na Idade Média: misoginia, demonização e caça às bruxas. **Revista Acadêmica Licência&acturas**, v. 2, n. 1, p. 113-121, 2014.
- LE GOFF, Jacques. **As raízes medievais da Europa.** Petrópolis: Vozes, 2010.
- LE GOFF, Jacques. **O Deus da Idade Média.** Conversas com Jean-Luc Pouthier. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. Resenha de: OLIVEIRA, Jorge Gabriel.
- LE GOFF, Jacques. **O nascimento do Purgatório.** Lisboa: Estampa, 1993.
- MACEDO, José Rivair. **A Mulher na Idade Média.** São Paulo: Contexto, 2002.
- NASCIMENTO, Maria Filomena Dias. SER MULHER NA IDADE MÉDIA. **TEXTOS DE HISTÓRIA Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB.**, v. 5, n. 1, p. 82-91, 1997.

- NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. “As companheiras de Satã: o processo de diabolização da mulher”. **Espacio, Tiempo y Forma**, Madrid, Série IV. t. IV, p. 9-24, 1991.
- PEREIRA, Juliana. O Malleus Maleficarum E A Questão Da Bruxaria: A Mulher Nos Tempos Da Inquisição. **Revista Trilhas da História**, v. 11, n. 21, p. 209-227, 2021.
- PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: EDUSC, 2005.
- PIRES, João Davi Avelar. Misoginia medieval. **Faces da História**, v. 3, n. 1, p. 128-142, 2016.
- PORTELA, Ludmila Noeme Santos. Malleus Maleficarum: bruxaria e misoginia na Baixa Idade Média. **Revista Religare**, v.14, n.2, dezembro de 2017, p. 252-281.
- PORTELA, Ludmila Noeme Santos. “Os pilares da fogueira”: a construção do discurso cristão contra a bruxaria na Idade Média (séc. XIV). **Dimensões**, n. 39, p. 197-219, 2017.
- PRATAS, Glória Maria DL. O feminino na arte medieval. **Mandrágora**, v. 15, n. 15, p. 117-124, 2009.
- ROSSIAUD, J. **A prostituição na Idade Média**. São Paulo: Paz e Terra, 1991.
- RUSSELL, Jeffrey Burton. **História da feitiçaria: feitiçeiros, hereges e pagãos**. Rio de Janeiro: Campos, 1993.
- SALLMANN, Jean-Michel. **As bruxas: noivas de satã**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- TOLDY, Teresa M. As mulheres na Igreja Católica: luzes e sombras ao longo da história. **Revista Theologica**, II série, Braga, v. 32, n. 2, p. 219-245, 1997.5
- ZORDAN, Paola Basso Menna Barreto Gomes. Bruxas: figuras de poder. **Revista Estudos Feministas**, v. 13, p. 331-341, 2005.

## 6. FONTE:

- KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. **O Martelo das Feiticeiras**. 17o Ed. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos tempos, 2004.